

CARTOGRAFIAS CULTURAIS AFRO-IBERO-AMERICANAS: MAPEANDO ROTAS DA ÁFRICA

Amarino Oliveira de QUEIROZ
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
E-mail: amarinoqueiroz@yahoo.com.br

RESUMO: Salvo poucas exceções, as implicações culturais que envolvem o espanhol e sua apreciação como língua literária a partir de outros contextos que não o peninsular ibérico e o hispano-americano representam uma grande área por explorar no que tange aos estudos hispanistas desenvolvidos atualmente em território brasileiro. Algumas dessas possibilidades investigativas dariam conta, por exemplo, das relações do *ganche* com o castelhano nas Canárias; do judeu-espanhol em Israel e do *jaquetía* em Marrocos; da presença do idioma no Saara Ocidental e nos acampamentos para refugiados saarauis na Argélia; da chamada literatura *filhispána* e da importância do castelhano na formação do chabacano e outros idiomas nacionais filipinos, com suas respectivas literaturas; das interferências sobre a cultura rapanui da ilha de Páscoa e do chamorro de Guam e das ilhas Marianas do Norte; da literatura da Guiné Equatorial e da crescente utilização como recurso literário por parte de vários autores francófonos na África. Cada um destes exemplos aponta, em maior ou menor grau, para a emergência do tema proposto, pelo que pretendemos repensar aqui questões como hispanidade e hispânico (FUENTES, 1997; CORDIVIOLA, 2005), dispostas em sua mobilidade contemporânea e em sua relação com outras experiências culturais dentro dos espaços hispanófonos do continente africano.

Palavras-chave: língua espanhola; literaturas africanas; hispanidade.

INTRODUÇÃO

Ao descrever as experiências culturais do mundo hispânico em conhecido estudo intitulado *O Espelho Enterrado*, o escritor mexicano Carlos Fuentes (1997) apresenta três percepções de hispanidade: a primeira, caracterizada pela realidade peninsular ibérica; a segunda, definida pela experiência hispano-americana; a terceira, representada pelo que ele vai chamar de hispanidade norte-americana, por focar os trânsitos culturais e linguísticos que encontram lugar nas relações entre os migrantes hispânicos e os demais atores sociais da realidade contemporânea estadunidense. A polêmica proposta conceitual do que viria a configurar o que hoje chamamos hispanidade veio se revelando, através da História, como fruto de uma série contínua de trânsitos culturais diversos e dinâmicos, tendo de há muito ultrapassado as fronteiras geopolíticas que a conformaram originalmente.

Assimilando o termo a partir dessa complexidade e dinâmica, deslocando a busca de sua compreensão para além dos limites consolidados nas experiências peninsular ibérica e americana, e entendendo que esses espaços podem representar também um

contributo diferenciado na perspectiva do redimensionamento de conceitos como “hispanidade” e “hispanico”, pretendemos realçar aqui a existência de experiências culturais outras, representadas, no caso, pela expressão literária africana em espanhol. Estas evidências se recortam no continente de diferentes maneiras, seja dentro de suas próprias fronteiras (Canárias, Saara Ocidental, Marrocos, Guiné Equatorial, Camarões etc), seja através de suas manifestações diaspóricas na América de colonização espanhola, onde se delinea a chamada literatura afro-hispano-americana, seja ainda pela escrita da emigração e do exílio, tendo encontrado esta o próprio território espanhol peninsular como ambiente de produção e difusão. A propósito, se observarmos o fenômeno a partir da experiência americana, por exemplo, poderemos constatar que:

“Hispania” remete a toda a península ibérica e não apenas a essa unidade territorial que hoje conhecemos como Espanha. Assim, “hispanoamericano” é muito mais que a simples junção de dois gentílicos, e está muito além da fácil integração das realidades americanas e ibéricas. É um espaço criado por uma hifenização múltipla, que não apenas separa e une os dois elementos principais, mas também alude a outras disjunções, a outros interstícios e a outras existências fronteiriças, que habitam e corroem o interior do “hispano” e do “americano”. (CORDIVIOLA, 2005, p.12).

Por outro lado, dentre os idiomas europeus que se apresentam como línguas oficiais, de educação e de expressão literária no contexto africano, ou seja, o francês, o inglês, o espanhol e o português, por certo o castelhano se perfila como o mais invisibilizado de todos. Em sua ocorrência na África, este idioma ibérico está concentrado em áreas descontínuas de parte da costa atlântica setentrional do continente, de características marcadamente arábicas, berberes e francesas, e num pequeno enclave da zona litorânea ao sul do deserto do Saara, de forte influência banta e francófona, correspondente ao território da República da Guiné Equatorial. Tal invisibilidade lingüística estende-se também às literaturas ali produzidas, situação agravada pela dificuldade de acesso às próprias obras poéticas e de ficção publicadas, bem como pela falta de divulgação dos estudos acadêmicos voltados para este tema em particular. Outro grave problema diz respeito à própria elaboração dos currículos dos cursos de Letras com Espanhol no Brasil: em grande parte, os conteúdos ofertados das disciplinas de literaturas de língua espanhola privilegiam a realidade peninsular e a dos autores canônicos do universo hispano-americano, em detrimento de outras experiências como as literaturas africanas de língua espanhola, a literatura em castelhano das Filipinas ou a criação em *spanGLISH* oriunda das literaturas *nuyorican* (porto-riquenha/nova-iorquina) e *chicana* (mexicana-estadunidense). Na tentativa de mapear essas literaturas africanas de língua espanhola, desenvolveremos ao longo deste estudo um percurso mais ilustrativo do que analítico de seus registros criativos, trazendo para o diálogo o pensamento de alguns de seus protagonistas e agentes.

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA ESPANHOLA

De acordo com o crítico de literatura Mbaré Ngom (2007, pp. 139-172), a expressão literaturas africanas de língua espanhola, ou, como às vezes prefere referir, “literaturas africanas hispanas” daria conta do conjunto representado pelos textos literários africanos originalmente escritos e veiculados em castelhano. Nisto difeririam das

“literaturas afro-hispânicas”, entendidas como o conjunto de textos literários de matriz africana assinados por descendentes de negros escravizados na antiga América de colonização espanhola. Em livre interpretação, sugerimos que o conceito aponta para um conjunto ainda mais amplo, que compreende textos literários africanos originalmente escritos e veiculados em língua castelhana, mas que, ao ultrapassar os espaços convencionados das fronteiras nacionais ou das oficialidades lingüísticas, avança e interage por territórios culturais diversos. Assim, propondo um mapeamento dessas emergentes rotas literárias africanas, buscaremos valorizar aqui a ideia de transversalidade e circularidade temática que a discussão pode suscitar, recortando as relações entre os mundos afro e hispano em três realidades que se tocam, se auto-referenciam e se suplementam:

1. Disposição interna: compreende diferentes manifestações literárias circunscritas às fronteiras territoriais dos Estados africanos.

1.1 Nas antigas possessões espanholas das Canárias, Ceuta e Melilha, ainda que suas expressões literárias sejam enquadradas e assimiladas como “literatura espanhola”, encontrando exemplos em Maribel Lacave, das Canárias e em Mohamed Toufali, de Melilha.

1.2 Em alguns territórios afro-arábico-francófonos do Marrocos e região de Tinduf, Argélia, sede dos acampamentos para refugiados políticos do Saara Ocidental: apresentam prosa e poesia fortemente influenciadas pela tradição árabe oral e escrita.

1.3 Nos dois países oficialmente hispanófonos (Saara Ocidental e Guiné Equatorial), onde é flagrante a convivência e a interação com as literaturas orais e escritas em línguas vernáculas (árabe hassania, no caso do Saara, e fang, bisio, bubu, crioulo anobonês, no caso da Guiné Equatorial).

1.4 Em alguns países francófonos/bantófonos (Camarões, Costa do Marfim), nos quais, por diversos motivos, é ascendente a utilização do castelhano como língua original de criação tanto na prosa ficcional como na poesia e no ensaio.

2. Disposição diaspórica: agrupa regiões do continente americano que têm em comum o passado colonial espanhol e a migração forçada de populações africanas escravizadas. Seus textos tematizam ou referenciam essa matriz africana, mesclando elementos da oralidade tradicional ou contemporânea com os letramentos em língua espanhola.

2.1 América Central e Caribe oficialmente hispanófono, com nomes como Nicolás Guillén, Georgina Herrera e Nancy Morejón em Cuba; Carlos Guillermo Wilson “Cubena” no Panamá; Sherazada Vicioso na República Dominicana ou Quince Duncan na Costa Rica.

2.2 América do Sul, com Manuel Zapata Olivella na Colômbia; Adalberto Ortiz e Luz Chiriboga no Equador; Nicomedes Santa Cruz, Lucía Charún Illescas e Mónica Carrillo no Peru ou Pilar Barrios e Cristina Rodríguez Cabral no Uruguai.

- 3) Disposição peninsular:** reúne escritores e escritoras de diferentes nacionalidades africanas que, por razões de ordem pessoal, política ou profissional estabeleceram no território espanhol a sua plataforma de atuação. Dentre estes Agnès Agbotón, do Togo; Mbaré Ngom, da Guiné-Conacry; Landry Miampika, do Congo; Abdoulaye Bilal Traoré, do Senegal; Boni Ofogo, Guillermo Pié-Jahn e Inongo Vi-Makomé, dos Camarões, além de vários autores saarauis e equato-guineanos.

A título de breve ilustração, descreveremos algumas dessas realidades literárias africanas ou de matriz africana em suas especificidades.

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA ESPANHOLA EM SUA DISPOSIÇÃO INTERNA – AS CANÁRIAS E O SAARA OCIDENTAL

As literaturas oral e escrita produzidas no arquipélago das Canárias, de forma análoga à que acontece com as da ilha da Madeira são enquadradas e assimiladas como literaturas europeias, respectivamente espanhola e portuguesa. Território avançado entre o norte da África, a Europa ibérica e o chamado Novo Mundo, as Canárias acusam seus registros escritos mais antigos no século XV, através dos cantos histórico-literários originários da tradição oral autóctone, em idioma guanche, manifestações que os espanhóis batizaram de *endechas*. A estas formas se somaram as narrativas orais e outras modalidades da lírica “popular”, bem como as composições poéticas introduzidas pelos colonizadores e por estes identificadas como *romances*. Desde os primeiros documentos escritos em castelhano passando pelas estéticas barroca, neoclássica, pré-romântica, romântica, *costumbrista*, etc, a literatura canária adentrou o século XX impulsionada pela efervescência vanguardista, à qual se seguiram tendências como o realismo social, as preocupações existenciais e metafísicas ou a recuperação do diálogo com a tradição literária insular (VV.AA.,1996), revelando nos últimos anos algumas características genéricas, a exemplo da utilização da ironia como sistema crítico, a intensificação do componente mítico, a incorporação de novos gêneros e um uso singular da linguagem, que em alguns autores chega mesmo a representar um elemento diferenciador frente à literatura espanhola peninsular.

Residindo desde o final da década dos 90 no sul do Chile, um nome representativo dessa produção mais recente encontra lugar na poetisa, narradora e ensaísta Maribel Lacave. Nascida em 1951, passou a infância dividida entre as Canárias e o deserto do Saara, experiência que reflete, também através de sua obra, um sentimento de pertença multifacetado. Este pertencimento transnacional em Maribel Lacave faz com que tanto a escritora como a cidadã se solidarizem com diversas causas políticas e humanitárias. Uma delas é aquela que envolve a população do Saara Ocidental na luta pelo pleno reconhecimento internacional de sua independência, instituída em 1976, e na desocupação militar de seu território por parte do exército marroquino, que o invadiu poucos meses depois da proclamação da República Árabe Saarai Democrática. Ex-colônia da Espanha, considerado pela ONU um país *de facto* que não existe *de jure*, o Saara Ocidental faz fronteiras marítimas com o arquipélago das Canárias, com quem desenvolveu historicamente relações de cooperação e solidariedade. Também na área cultural estes vínculos se fazem estreitos, a exemplo da publicação de títulos da literatura hispano-saarai por editoras canárias. Questões envolvendo a situação política saarai, seu povo, sua história e sua cultura transparecem na obra de vários escritores

solidários à causa pelo mundo inteiro, inclusive na de Maribel Lacave. Neste “Qul le watan oushejade” (Toda la patria o el martirio), poema escrito no Chile, a escritora vale-se inclusive do árabe hassania, o outro idioma oficial da república saarauí:

Hermanos saharauis: / Aquí estoy, al otro lado del Océano, / tan lejos que es Noviembre / y, sin embargo, primavera. // (...). Aquí estoy, recordando el color de las dunas, / la danza del siroco en el desierto, / la luz de los misiles y los muertos. // (...)

¡Qul le watan oushejade! / gritarán los viejos y los niños, ¡Qul le watan! / ¡Qul le watan oushejade! / grito también yo (...) / ante los ojos atónitos / de algunos turistas que me miran. // Aquí estoy, hermanos, / en este país también lleno de muertos, / aquí estoy con los unos y los otros, / Aquí estoy, sin perdones, sin olvidos. (LACAVE, 2001)

Apesar de ter quase toda a sua superfície territorial inserida dentro da zona desértica homônima, o Saara Ocidental é um país rico em jazidas de fosfato e em atividade pesqueira. Localizado ao sul do Marrocos, de quem está fisicamente separado por um extenso muro defensivo especialmente construído para este fim, o Saara Ocidental, que também divide fronteiras com a Argélia e a Mauritânia, permanece reivindicando a legitimação e o reconhecimento de sua autonomia por parte da comunidade internacional, uma vez que diversos países do mundo, inclusive o Brasil, ao contrário de outros países africanos e latino-americanos ainda não se pronunciaram oficialmente a respeito do problema. Quanto à atividade literária, a produção saarauí em castelhano revela uma forte interferência da criação poética e narrativa na oralidade, recuperada da tradição para o formato impresso através dos vários livros que estão sendo publicados, sobretudo a partir do exterior, já que grande parte de seus escritores e escritoras vive fora do país.

De acordo com o estudioso Francisco Cenamor (2008), no mundo árabe o saarauí é conhecido como um povo de poetas e sua atividade apresenta, em síntese, três influências principais: a tradição oral fortemente apegada à natureza e às vivências de seu país, a poesia em castellano da Espanha e da América e a luta pela independência do Reino de Marrocos, que já vem se arrastando há mais de trinta anos. Divididos, pois, entre os mundos arábico-africano e europeu-ibérico, além de desenvolverem intensa relação com o universo hispano-americano, muitos dos autores e autoras saarauís refletem, também ao longo de suas obras uma multiplicidade de vivências culturais que por sua vez reivindicam, real e simbolicamente, a ampliação desses espaços.

Além de cultivar fundamentalmente a poesia, diversos criadores se dedicam também à prosa, sobretudo através do conto e do ensaio: Mohamed Ali Ali Salem, Larosi Haidar, Bahia Mahmud Awah, Zahra Hasnauí, Mohamidi Fakal-la, Fatma Ghalia ou Limam Boisha entre eles. Mesmo com uma produção mais reduzida, esta recente literatura hispano-saarauí envereda ainda pelo romance, com escritores como Ahmed Mulay Ali, Mohamed Sidati ou Abderrahman Budda Hamadi. Um juízo descuidado poderá classificá-la como incipiente, porém torna-se necessário acrescentar que o seu surgimento é relativamente recente: as primeiras manifestações literárias registradas em espanhol por autores locais tiveram lugar nas últimas décadas do século XX, sob condições muito particulares. Conforme assegura o poeta Mohamed Salem Abdelfatah (2007), também conhecido por Ebnu,

No es hasta finales de los ochenta y principios de los noventa cuando parece que comienzan a aparecer atisbos claros de una poesía seria, profunda, preocupada por todo lo que acontecía en su entorno, no sólo la lucha del pueblo saharauí y sus aspiraciones de libertad, sino, también una evidente preocupación por lo que pasaba en el mundo. Además de temas que reflejan la vida cotidiana de la sociedad saharauí no exenta de sentimientos tan universales como el amor, la felicidad y la profunda pasión por hacer que la vida de los saharauíes deje de ser rutinariamente triste y dolorosa.¹

Mohamed Salem Abdelfatah Ebnú complementa seu raciocínio defendendo que a poesia local em espanhol, pela projeção que está alcançando, converte-se numa ponte que tende a promover um rico encontro entre a cultura autóctone do Saara Ocidental com as culturas espanhola e ibero-americana. O escritor forma parte da chamada *Generación de La Amistad*, um dos mais ativos grupamentos de escritores reunidos em torno da causa saaraui no exílio. Além de Mohamed Salem Abdelfatah, constituem o coletivo de escritores Limam Boisha, Chejdan Mahmud, Ali Salem Iselmu, Mohamed Ali-Ali Salem, Bahía Mahmud Awah, Luali Lehsan Salama, Saleh Abdalahi, Sukeina Aali Taleb y Zahra Hasnauí, suas duas vozes femininas, embora a literatura saaraui em espanhol conte com outras representantes como Fatma Ahamed e Fatma Ghalia Abdesalam. Por conta da mobilidade espacial, lingüística e cultural de que se alimenta a escrita de muitos desses escritores e escritoras, comungamos com o crítico literário da Guiné-Conacry Mbaré Ngom (2003) quando, ao discorrer sobre as literaturas africanas de língua espanhola afirma que

estos creadores culturales ya no se pueden, ni deben, identificar meramente como alguien que escribe o que sólo sabe escribir en castellano, en este caso, sino como un individuo que realiza un vaivén cultural, escritural y estético polivalente entre expresiones literarias diferentes y contemporáneas. (NGOM, 2003, pp. 135).

Tal caracterização remete-nos à própria experiência literária da Guiné Equatorial, notadamente por alguns traços que lhe são bastante peculiares: a problemática do exílio, a simbiose entre as culturas banta e ibérica, o labor com a memória e o vínculo estabelecido entre a oralidade e a escrita. Disposta em relação à realidade africana contemporânea, e mais especificamente ao contexto da Guiné Equatorial, a questão das identidades se reflete na convivência do pluralismo étnico com um particular sentido de pertença e de inserção no universo das hispanidades.

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA ESPANHOLA EM SUA DISPOSIÇÃO INTERNA – O CASO DA GUINÉ EQUATORIAL E DE ALGUNS PAÍSES FRANCÓFONOS/BANTÓFONOS

Se comparado ao percurso histórico de outras literaturas africanas produzidas em línguas europeias, o exercício ficcional em prosa configura um aspecto diferenciador

¹ ABDELATAH, Mohamed Salem. *La poesía saharauí*. In: Revista Ariadna, número 25, especial: Cultura y literatura saharauí. Disponible en <http://www.ariadna-rc.com/numero25/sahara/sahara.htm> Acceso en: 3 abr 2007

relevante na produção hispano-negro-africana da Guiné Equatorial. Ao contrário de São Tomé e Príncipe, da Guiné-Bissau ou dos países francófonos, por exemplo, a literatura guinéu-equatoriana encontrou sua estréia no conto, seguido de perto pelo romance, tendo a expressão poética tomado maior vulto somente a partir dos anos 60 do século XX. Em contrapartida, diferentemente das investidas literárias anticolonialistas que tiveram lugar nas antigas colônias africanas anglófonas, francófonas e lusófonas, sua produção colonial não foi marcada pelo registro de uma literatura de resistência, na qual a criação literária e a militância político-social caminhassem estreitamente relacionadas. Uma postura reinvindicatória e contrária aos rumos políticos do país foi assumida, por parte da grande maioria desses autores, justamente a partir do período de pós-independência e da subsequente experiência ditatorial. No trabalho desenvolvido por muitos desses escritores revela-se uma aproximação entre elementos bantos e hispânicos, possibilitando assim um fértil encontro do verbo com a palavra escrita mediado pela memória. É nesta direção, pois, que se vem formatando significativa amostra de sua literatura contemporânea. O caráter híbrido flagrado através das expressões literárias guinéu-equatorianas alimenta também as relações que envolvem, ao mesmo tempo, e numa ordem bastante peculiar, a relação dialógica entre o oral e o escrito, o tradicional e o contemporâneo, o hispânico e o africano, pois, conforme observou a escritora Trinidad Morgades Besari,

en Guinea Ecuatorial conviven fundamentalmente dos culturas: una de entronque bantu y otra enraizada en la hispanidad. El humanismo guineano se nutre del ensamblamiento de estas dos culturas; en ellas está su fuerza y su futuro esperanzador. Los valores hispánicos y africanos confluyen para formar el nuevo hombre guineano. (BESARI, 1987, p. 39).

Tal assertiva se confirma em diferentes graus de assimilação. Autores como o romancista, poeta, dramaturgo e ensaísta Juan Tomás Ávila, nascido em Malabo e atualmente exilado na Espanha desenvolvem uma estética de resistência frente aos efeitos negativos da globalização naquele contexto em particular, não deixando de se preocupar com as projeções dessa realidade em termos mundiais, como acontece em *Historia íntima de la humanidad*, livro de poemas publicado em 1998. A simbologia historiográfica, a modernidade, a opressão econômica, a criminalidade, os efeitos da intervenção neocolonialista das potências estrangeiras no atual cenário da Guiné Equatorial constituem alguns dos elementos recorrentes tanto em seu universo poético quanto em sua produção ficcional. Indagado sobre sua identidade híbrida hispano-africana, Juan Tomás Ávila Laurel declararia que

para mí es más importante ser hombre, ser persona; creo que ser africano es circunstancial. Lo que pasa es que mundialmente ser africano significa asumir y enfrentarse a los problemas del subdesarrollo, de la marginación, de la pobreza. Entonces te das cuenta de que cuando empiezas a hablar estás obligado a hacerlo sobre tu realidad. Ser africano, pues, no me determina, pero me condiciona. (...) Soy, pues, un africano con sentimientos hispanos. (LAUREL,

2006)²

Posturas assemelhadas repercutem em dias atuais na forma de uma expressão literária claramente ideologizada e vigilante que reflete, de forma bastante clara, o compromisso efetivo que muitos dos escritores guinéu-equatorianos assumiram com o seu país, sobretudo após a ruptura política, o banimento e o exílio, temas de que trataremos mais adiante. A significativa entrada da Guiné Equatorial no cenário das letras hispânicas é saudado com otimismo por muitos pensadores. O escritor e crítico Donato Ndong-Bidyogo (2006) chama a atenção para o fato de que o universo literário em língua espanhola estaria começando a encontrar, especificamente nessa produção africana da Guiné Equatorial, a convergência para o terceiro vértice de um eixo que configura, na atualidade, a geografia lingüística de um idioma oficialmente partilhado por europeus, americanos e africanos. Isto se não quisermos considerar, diga-se de passagem, a expressão asiática conformada na vasta e igualmente ignorada literatura filipina em espanhol, que após uma fase de apogeu entrou em franco declínio mas que, nos últimos anos, por empenho de alguns novos representantes e alentada pelo retorno do castelhano à condição de idioma co-oficial no país, vem dando sinais de recuperação. A aposta de Ndong-Bidyogo é a de que a literatura guinéu-equatoriana cumprirá o seu papel na tarefa de revitalizar a língua e a cultura em língua espanhola, uma vez que tanto uma como a outra já não poderão ser compreendidas se as dissociarmos do aporte afro.

Um mapeamento dessas literaturas não pode deixar de registrar, contudo, a existência de autores originários de outras áreas lingüísticas do continente, nomeadamente as francófonas/bantófonas repúblicas da Costa do Marfim e dos Camarões. Alguns escritores destes países elegeram a língua espanhola como veículo de expressão literária por razões que incluem, muitas vezes, o desenvolvimento de atividades profissionais relacionadas com o idioma em seus respectivos lugares de origem ou mesmo uma real condição de exilados políticos na Espanha. Sobre estas últimas categorias em especial, assim se referiu Mbaré Ngom:

dichos autores escriben en español, pero (...) proceden de otros países del continente y de distintas realidades culturales e históricas. Sus experiencias se intersectan en el uso de una lengua común y ajena: el castellano. Dentro de este contexto, podemos mencionar al camerunés Robert Marie Johlio, (e) Inongo Vi-Makomé, (...) un novelista, ensayista y narrador camerunés radicado en Barcelona (...) La práctica escritural de estos autores está marcada por lo que el crítico Réda Bensmaïa llama el "nomadismo", una práctica cultural que fluctúa entre distintas expresiones literarias coetáneas que, en algunos casos, llegan a intersectar. En escritores como Robert Marie Johlio e Inongo Vi-Makomé, este movimiento se da al menos entre tres prácticas literarias paralelas: dos en lenguas de préstamo, el francés y el español, marcadas por la hibridez, y otra en lengua vernacular y oral, el Bamileké en el caso de Johlio, y el Batanga, para Vi-Makomé, caracterizada por su movilidad y versatilidad. Asimismo favorece la

² LAUREL, Juan Tomás Ávila. "El mayor drama para mi país es que las cosas las hacen otros". Entrevista a M. Elvira Luna Escudero-Alie. In: *Especulo* 16, Madrid. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero16/jtavila.html> . Acesso em: 9 ago 2006.

interacción entre distintas plataformas literarias como el cuento, el canto, el mito, la poesía y los refranes. literarias diferentes y contemporáneas. (NGOM, 2003, pp. 111-135),

Perseguindo essas rotas africanas podemos constatar que um caráter polifônico pontua grande parte de seus discursos identitários. Estes, muitas vezes, estão formatados a partir de experiências literárias à margem, ainda que produzidas em contextos culturais onde também a língua castelhana comparece como protagonista, lado a lado com outros idiomas de literatura. Por este motivo a visibilização dos textos poéticos e narrativos africanos em língua castelhana faz-se tanto oportuna como necessária e inevitável, como bem o demonstram, no contexto americano oficialmente falante de espanhol, as obras de escritores veteranos como o cubano Nicolás Guillén, o colombiano Manuel Zapata Olivella, o equatoriano Adalberto Ortiz e o peruano Nicomedes Santa Cruz, cujos exercícios criativos tematizam ou referenciam, como dissemos, matrizes abertamente africanas, mesclando elementos da oralidade tradicional ou contemporânea com os letramentos em língua espanhola.

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA ESPANHOLA EM SUA DISPOSIÇÃO DIASPÓRICA – O CASO DAS ESCRITAS AFRO-HISPANO-AMERICANAS

Na tentativa de compreensão do fenômeno cultural e literário americano, o escritor Édouard Glissant (1996) propôs uma re-divisão simbólica do continente em três distintas áreas. Estas regiões não correspondem às fronteiras nacionais pelo fato de que um mesmo país pode reunir uma, duas ou até três características ao mesmo tempo:

- a) A Meso-América, constituída pelas primeiras civilizações e povos pré-colombianos, a exemplo dos olmecas, maias, toltecas, nazcas, guaranis, taínos, mapuches, astecas, mochicas e incas;
- b) A Euro-América, configurada pela América dos migrantes europeus a partir da experiência colonial; e
- c) A Neo-América, compreendida por grande parte da América Central e do México até o sul dos Estados Unidos, o Nordeste brasileiro, os povos das Antilhas, as costas caribenhas da Venezuela e da Colômbia, as Guianas e Curaçau.

Esta Neo-América observada pelo escritor martinicano se distinguiria das outras duas justamente pela herança africana e pelo fenômeno da criouliização, elementos que teriam deflagrado diferenciadas mutações culturais e estéticas, abarcando uma enorme gama de influências que incluiriam, ainda, as contribuições dos povos asiáticos, especialmente os indianos e os chineses. Na Neo-América glissantiana, portanto, a heterogeneidade e a imprevisibilidade se reproduziriam, por conseguinte, “a partir da memória de traços, vestígios, resquícios da cultura africana” que se mesclam a elementos de outras presenças culturais (FIGUEIREDO, 1998:93), promovendo assim uma constante efervescência de culturas compósitas.

Dentro dessa disposição, o escritor Nicolás Guillén (1902-1989) comparece como um dos mais respeitados e representativos autores de Cuba. Mesmo pouco lembrado no Brasil, Guillén goza de uma certa vantagem sobre os demais escritores referidos se compararmos as atenções que lhes são dedicadas em nosso meio. Com uma obra dividida entre a poesia, o ensaio e o jornalismo participou ativamente na vida cultural e política de Cuba, tendo introduzido na literatura nacional, já a partir de *Motivos de son*, seu primeiro livro, uma poesia claramente influenciada pela tradicional música cubana. Em entrevista à escritora e conterrânea Nancy Morejón, o poeta falava dessa experiência em particular, onde atesta claramente a mescla cultural verificada entre os elementos *congos*, *yorubas* e hispânicos que caracterizam sua atividade poética:

A influência mais poderosa nos *Motivos*, ao menos para mim, é a do Sexteto Habanero e a do Trio Matamoros. Observe logo que foram personagens de meus poemas a Mulher de Antonio e Papá Montero. Há quem mencione a Langston Hughes, a Ma Teodora e até um livrinho de guarachas cubanas, cuja primeira edição é dos anos oitenta e tantos. O problema importante não é receber influências; o importante é transformá-las em substância própria, em elemento pessoal, numa maneira característica de criação. Você não se lembra de Paul Valéry? O leão está feito de cordeiro digerido. É preciso digerir o cordeiro, que à vezes não passa de outro leão! (GUILLÉN, 1986, p. 29).

Contemporâneo de Guillén, o escritor colombiano Manuel Zapata Olivella (1920-2004) é considerado por muitos críticos e especialistas o mais importante representante da literatura afro-colombiana e um dos mais conceituados escritores da diáspora. Médico, professor e antropólogo, sua obra inclui o conto, o teatro, o romance e o ensaio. Dentre os seus textos mais elogiados destaca-se o romance *Changó, el gran putas*, de 1983, que descreve a epopéia dos afro-americanos desde suas origens na África, passando pelas histórias dos negros escravizados fugidos ou *cimarrones* e a independência do Haiti até chegar à luta contra a segregação racial nos Estados Unidos da América. Quase que totalmente desconhecido no Brasil, Adalberto Ortiz nasceu em 1914 numa comunidade afro-descendente do litoral equatoriano. Contista, poeta, romancista, professor, dramaturgo, pintor e diplomata, seus livros revelam tanto as raízes sentimentais calcadas na ancestralidade africana como um criativo e atento registro da realidade dos povos indígenas. Também Nicomedes Santa Cruz Gamarra (1925-1992) é um dos mais expressivos nomes da cultura latino-americana em sua vertente de extração afro. Poeta performático e repentista, pesquisador, jornalista, musicólogo, ensaísta, compositor, cantor, contista, produtor cultural, publicitário e apresentador de rádio e televisão, a situação vivida pelo negro nas Américas e na África é um dos temas recorrentes ao longo de sua produção artística, caracterizada por uma bem sucedida carreira discográfica e uma intensa atividade poética e ensaística, com vários artigos e livros publicados, alguns deles tratando sobre o *cumanana* e o *socabón*, expressões poéticas da oralidade afro-peruana.

Tratando do processo por ele identificado como *transafricanía*, é novamente o crítico Mbaré Ngom quem destaca, particularmente nesta multifacetada expressividade artística de Nicomedes Santa Cruz e de outros decimistas e repentistas afro-peruanos,

en cierta medida, la antorcha de la tradición oral transafricana. Sus coplas o décimas, también se llaman cumanana o cumaná, recrean experiencias cotidianas, culturales e históricas de los transafricanos. El contrapunto o duelo entre los cumananeros - ejercicio de ingenio e improvisación - recuerda en muchos aspectos las lides verbales de los *griots* de África Occidental, quienes también se dedicaban a este tipo de competición. Quisiera resaltar aquí a los nombres de Nicomedes Santa Cruz, David Alarco Hinostroza y Juan Urcariegui García, a quienes se podría considerar como los *griots* de los tiempos modernos y herederos de los depositarios de la memoria colectiva de antes. (NGOM, 2003b, p. 37).

Compondo a expressiva lista de protagonistas das literaturas afro-hispano-americanas, e apenas para mencionar outros quatro exemplos que vêm se destacando dentro da escrita de autoria feminina, não poderíamos deixar de acrescentar a cubana Nancy Morejón, a dominicana Sherezada “Chiqui” Vicioso, a equatoriana Luz Argentina Chiriboga e a uruguaia Cristina Rodríguez Cabral, que escreveu:

Quando miro hacia atrás/ y veo tantos negros,/ cuando miro hacia arriba/ o hacia abajo/ y son negros los que veo/ qué alegría vernos tantos cuántos;/ y por ahí nos llaman “minorías”/ y sin embargo/ nos sigo viendo// Esto es lo que dignifica nuestra lucha/ ir por el mundo y seguirnos viendo,/ en Universidades y Favelas/ en Subterráneos y Rascacielos,/ entre giros y mutaciones/ barriendo mierda/ pariendo versos.(RODRÍGUEZ CABRAL in “Cimarrones”, 1993, p. 142).

Para Rosemary Geisdorfer Feal (1996:71-76), a poesia de Cristina Rodríguez Cabral não disfarça essas tensões. Ao contrário, as magnifica, deixando-nos entrever a luta interior que ocorre quando uma mulher negra tenta recordar, imaginar, trabalhar e amar numa sociedade em que o racismo e o sexismo a ameaçam com o silêncio e a invisibilidade. Feal acrescenta que, de forma semelhante à utilizada por Nancy Morejón em alguns de seus versos, Cristina Rodríguez Cabral apela para a imagem do escravo fugido ou *cimarrón* para colocar em relevo o caráter firme de sua gente. Diferentemente, porém, da autora cubana, nota-se no poema “Cimarrones” uma desmitificação, uma utilização consciente de linguagem direta, de indubitável força expressiva. Ainda segundo Rosemary Feal, no trabalho de escritoras afro-hispânicas como as aqui referidas se torna evidente o empreendimento de uma dupla tarefa: a busca de suas identidades como mulheres e a concretização de uma identidade étnica comum que, na maioria dos casos engloba pelo menos duas, quando não três diferentes origens: a negro-africana, a europeia branca e a indígena americana. Este lugar multifacetado vai repercutir também, como veremos, na obra dos escritores e escritoras africanos radicados na Espanha, ainda que tenham como ponto de partida a utilização da mesma língua castelhana para se expressarem literariamente.

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA ESPANHOLA EM SUA DISPOSIÇÃO PENINSULAR - EXERCÍCIOS DE TRANSVERSALIDADE

Tanto o território nacional espanhol como seu panorama literário vêm sendo ocupados gradualmente por um segmento de cidadãos escritores e escritoras de procedência variada, não se limitando àqueles oriundos das antigas colônias e protetorados espanhóis na África. Toda essa movimentação aliada ao interesse de um curioso público leitor passou a chamar a atenção do mercado editorial, o que teria motivado também a criação, por parte do Instituto Cervantes, de uma biblioteca africana que veicula amostras de obras originais assinadas em castelhano por esses autores e autoras. Da togolesa Agnès Agbotón à marroquina Fátima Zohra Kuis, do congolês Landry Miampika ao senegalês Abdoulaye Bilal Traoré, dos camaroneses Boni Ofogo e Guillermo Pié-Jahn aos saarauis Limam Boisha e Zahara Hasnauí temos visto desfilar publicações dos mais variados gêneros. É sobretudo a partir do exílio na Espanha que se desenvolve praticamente toda a atual literatura hispano-saarauí e onde se encontra sediada uma de suas principais plataformas, a anteriormente referida *Generación de la Amistad Saharaui*. É também a partir da antiga metrópole colonial que os guinéu-equatorianos vêm abrindo um expressivo espaço literário, no qual Donato Ndongó Bidyogo e Juan Tomás Ávila Laurel se perfilam, entre outros, com os conterrâneos Justo Bolekia, María Nsué e Francisco Zamora Loboch.

Radicado em Madrid, para onde se havia transferido com o objetivo de realizar estudos universitários ainda durante o período colonial, e impedido de retornar à terra natal por razões políticas, o poeta, jornalista, compositor, músico e ensaísta Francisco Zamora Loborch apresenta como uma de suas principais características a condição de exilado involuntário. Em seu depoimento poético, a recorrência temática aos traumas sofridos durante essa prolongada e dolorosa experiência do exílio passa a registrar como consequência os conflitos de identidade daí resultantes. É certo que o impasse causado por tal situação lhe marcaria definitivamente a vida pessoal, mas é igualmente verdadeiro que este mesmo problema se converteria, ao longo dos anos, num importante elemento mobilizador de sua força criativa através da militância política, jornalística e literária, distribuída em registros como a prosa ensaística encontrada em *Cómo ser negro y no morir en Aravaca*, de 1994, onde se detém sobre um episódio real envolvendo o assassinato por racismo de um imigrante na Espanha.

Em *Memoria de laberintos*, livro de poesias publicado em 1997, movido por forte influxo lírico Zamora evoca a infância e a primeira juventude vividas em Malabo, os conflitos do exílio experimentado pela população guinéu-equatoriana chegada à Espanha, o choque cultural advindo dessa experiência e os conseqüentes traumas de identidade. As marcas de sua condição hispano-guinéu-equatoriana dentro da realidade hispânica peninsular, a situação de exilado involuntário e a reconstrução da memória constituem, por excelência, os fios condutores dessa coleção de poemas. É o que poderá ser flagrado em momentos como este, de “Prisionero de la Gran Vía”, onde o sujeito poético, dirigindo-se à figura materna desde a concreta realidade de exilado num rigoroso inverno madrileno, evoca nostalgicamente a lembrança de um tempo idílico na infância:

(...) Si supieras/ Que tengo la garganta enmohecida/ porque no puedo salirme a las plazas/ y ensayar mis gritos de guerra.// Que no puedo pasearme por las grandes vías/ el torso desnudo, desafiando al invierno/ y enseñando mis tatuajes/ a los niños de esta ciudad.// Si pudieras verme/ fiel esclavo de los tendidos,/ vociferante hincha en los estadios,/ compadre incondicional de los

mesones.// Madre, si pudieras verme. (ZAMORA in NDONGO-BIDYOGO, 1984, p. 131)

Filho de pai poeta, o exilado Francisco “Paco” Zamora encontraria, particularmente no trabalho com a memória, não apenas o agenciamento de uma consciência voltada para a identidade cultural dividida entre o hispânico e o africano: nele também se definiria um expressivo recurso para a elaboração e a expressão de seu próprio universo poético. Apesar deste aparente centramento em um passado particular, ou um passado que de certa maneira tenha interferido sobre sua vida ou sobre sua percepção individual do mundo, o pretérito não se configura como o tempo verbal predominante em seu discurso poético, direcionado que está esse trabalho memorialista para uma reinvenção ficcional dos fatos e sua projeção no presente e no futuro. Os temas representados nestes textos passeiam em variadas direções: desde os aspectos mais estritamente pessoais até algumas referências culturais anglo-saxônicas, evocando, por exemplo, uma relação intertextual entre o Quixote de Cervantes, a chamada literatura popular e as histórias em quadrinhos ambientadas no velho Oeste estadunidense. (ANGUITA, 2005). Essa experiência do exílio, a busca de uma identidade hispano-negro-africana e o trabalho com a memória constituem algumas das características comuns às obras assinadas por Francisco Zamora Lobo e Donato Ndongo-Bidyogo.

Nascido na Guiné Equatorial em 1950 e igualmente impedido de regressar a seu país por razões políticas, o também historiador e jornalista Donato Ndongo-Bidyogo revelou-se um escritor bastante prolífico, publicando diversos artigos, ensaios e livros dedicados a temas de interesse histórico, político e literário, além de enveredar pela ficção, notadamente o romance. Foi o autor da primeira antologia da literatura guinéu-equatoriana, tornada pública na Espanha apenas no início da década de 80 do século passado. A publicação desta primeira coleção de textos poéticos e narrativos da literatura nacional representaria, em palavras do próprio Ndongo-Bidyogo (2006) a afirmação de que, por não rechaçar os aportes essenciais de outras civilizações como a técnica, a escritura e a língua, a Guiné Equatorial, pelo contrário, podia demonstrar que não apenas estava incorporando positivamente estas contribuições, mas também as disponibilizava em seu benefício: vertendo-as em instrumentos de liberação e de projeção rumo àquilo que o Ocidente costuma chamar de “universalidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investidas feitas no sentido de elaborar esta breve cartografia cultural pelo viés das literaturas de língua espanhola produzidas na África não pretendeu cobrir nem muito menos esgotar, evidentemente, as tantas possibilidades investigativas. Pelo contrário, buscou valorizar, conforme dissemos, a ideia de transversalidade e circularidade temática que contínuas discussões poderão suscitar, recortando as relações entre os mundos afro e hispano. Sugerimos que o mapeamento dessas rotas africanas em particular aponta tanto para a África internamente, com suas várias literaturas nacionais hispanógrafas, como para a África da diáspora, na qual as Américas e suas literaturas afro-hispano-americanas além da própria Espanha, com seus vários autores exilados e/ou emigrados da África se inserem. Assim como os escritores hispanógrafos atuantes nos diversos quadrantes daquele continente, os escritores e escritoras afro-hispano-americanos e o conjunto de autores e autoras africanos radicados na Espanha sinalizam,

individual e/ou coletivamente as mais distintas motivações estéticas, fazendo emergir, de forma cada vez mais consubstanciada a cartografia cultural de que tentamos nos ocupar aqui e da qual ensejamos a continuidade em múltiplas e inadiáveis direções.

REFERÊNCIAS

ABDELATAH, Mohamed Salem. “La poesía saharai”. In: Revista *Ariadna*, número 25, especial: Cultura y literatura saharai. Disponível em: <http://www.ariadna-rc.com/numero25/sahara/sahara.htm> Acessado em 3 abr 2007.

ANGUITA, Juan Antonio de Urda. “La voz híbrida de Francisco Zamora”. Disponível em: <http://afroromance.missouri.edu/docs/deurda.doc>. Acesso em: 18 dez 2005.

ASTURIAS, Miguel Ángel. *Leyendas de Guatemala*. Madrid: Alianza, 2005.

ASTURIAS, Miguel Ángel. *Hombres de maíz*. Madrid: Alianza, 1996.

BESARI, Trinidad Morgades. “Guinea Ecuatorial y la hispanidad”. In: **África 2000**, año II, época II, número 1, 1987, pp. 39-41.

BOISHA, Limam. “Benaissa y las zonas liberadas”. Disponível em: <http://www.nodo50.org/labarored/interpueblos/Sahara/noticias/febrero06.htm#lb110206> Acessado em: 27 abr 2007.

CENAMOR, Francisco. “Poesía saharai en castellano”. Disponível em: <http://letraclara.wordpress.com/> Acesado em: 22 abr 2008.

COLOMBRES, Adolfo. “Palabra y artificio: las literaturas “bárbaras”. In: PIZARRO, Ana (Org). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Vol. 3 – Vanguarda e Modernidade. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1995, pp. 127-67.

CORDIVIOLA, Alfredo. *Um mundo singular*. Imaginação, memória e conflito na literatura hispano-americana do século XVI. Recife: PGLetras / UFPE, 2005 .

FEAL, Rosemary Geisdorfer. “Poetas afrohispanicas y la “política de la identidad”. In: VÁZQUEZ, Lilia G. (Ed.). *Literatura, historia e identidad: Los discursos de la cultura*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 1996, pp. 71-76.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. Madrid: Taurus, 1987.

GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard,1996.

GLISSANT, Édouard. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1990.

GLISSANT, Édouard. Le Même et le Divers. In: *Le discours antillais*. Paris: Seuil,1981, pp.190-201.

GUILLÉN, Nicolás. “Conversa com Jaime Sarusky, Samuel Feijóo, Garzón Céspedes, Ciro Bianchi e Nancy Morejón”. In: *Sôngoro cosongo e outros poemas*. Tradução de Thiago de Mello. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986, pp. 19-42.

HANDELSMAN, Michel. “Lo afro y la plurinacionalidad: el caso ecuatoriano visto desde su literatura”. In: *Romance Monograms* n. 54. Missouri: University of Missouri Press, 2000, pp. 195-221.

LACAVE, Maribel. *Sin fronteras*. Tenerife, Canarias: CCPC, 201.

LAUREL, Juan Tomás Ávila. “El mayor drama para mi país es que las cosas las hacen otros”. Entrevista a M. Elvira Luna Escudero-Alie. In: *Espéculo* 16, Madrid. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero16/jtavila.html> Acesso em: 9 ago 2006.

LAUREL, Juan Tomás Ávila. *Historia íntima de la humanidad*. Malabo: Ediciones Pángola, 1999.

LOBOCH, Francisco Zamora. *Memoria de tus laberintos*. Madrid: Sial, 1997.

LOBOCH, Francisco Zamora. *Cómo ser negro y no morir en Aravaca*. Barcelona: Ediciones B, 1994.

MOREJÓN, Nancy. *Nación y mestizaje en Nicolás Guillén*. La Habana: Ediciones Unión, 1982.

NDONGO-BIDYOGO, Donato. *Literatura guineana: una realidad emergente*. Conferencia en Hofstra University. 3 de abril, 2006. Disponível em: http://www.hofstra.edu/PDF/lacs_event_040306.pdf. Acesso em: 5 mai 2006.

NDONGO-BIDYOGO, Donato. *Literatura moderna hispanófono en Guinea Ecuatorial*. Disponível em: www.angelfire.com/sk2/guineaecuatorial/literatura.htm Acesso em: 12 ago 2005.

NDONGO-BIDYOGO, Donato; NGOM, Mbaré. *Literatura de Guinea Ecuatorial* (Antología). Madrid: Sial Ediciones, 2000.

NDONGO-BIDYOGO, Donato. *Antología de la literatura guineana*. Madrid: Nacional, 1984.

NGOM, Mbaré. “Lengua española y literatura en África: La literatura africana en castellano”. In: Rosique, Gloria Nistal; JAHN, Guillermo Pié (Org). *La situación actual del español en África*. Madrid: SIAL/Casa de Africa, 2007, pp.139-172.

NGOM, Mbaré. *La reconstrucción de la memoria y de la identidad nacional en la literatura hispanoaficana* (Editor). Madrid: Universidad de Alcalá de Henares, Colección Africanía, 2004.

NGOM, Mbaré. Literatura africana de expresión española. In: *Cuadernos*, n.º 3. Centro de Estudios Africanos de la Universidad de Murcia, 2003, pp. 111-135.

NGOM, Mbaré. Tradición oral africana y su supervivencia en la transafricanía: El caso del Perú . In: ESPINO, Gonzalo (Editor): *Tradición oral, culturas peruanas: una invitación al debate*. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2003b, pp. 27-38.

NGOM, Mbaré. *Diálogos con Guinea Ecuatorial: Panorama de la literatura guineoecuatorial de expresión castellana a través de sus protagonistas*. Madrid: Labrys 54 Ediciones, 1996.

NGOM, Mbaré. “La literatura africana de expresión castellana: la creación cultural em Guinea Ecuatorial”. In: Revista *Hispania* 76, sept. 1993, pp. 410-418.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. “Otras literaturas hispánicas: las letras negroafricanas de Guinea Ecuatorial”. In: ROJO, Sara (et alii). (Org.). *Actas del V Congresso Brasileiro de Hispanistas e I Congresso Internacional da ABH*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2009a, v. 1, p. 158-168

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. “Verde oasis de la palabra: La literatura en español del Sáhara Occidental”. In: ROJO, Sara (et alii). (Org.). *Actas del V Congresso Brasileiro de Hispanistas e I Congresso Internacional da ABH*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2009b, v. 1, p. 147-157.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *As inscriculas do verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Recife, UFPE: PGLetras, 2007. Tese de doutorado.

RODRÍGUEZ CABRAL, Cristina. “Cimarrones”. In: *Afro-Hispanic Review* 12.2, 1993, p. 42.

SOUZA, Florentina. Literatura Afro-Brasileira: algumas reflexões. In: Revista *Palmares*, n. 2. Brasília: Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura, dezembro de 2005, pp. 64-72.

VV.AA. “Canarias: de las endechas a la narrativa última”. In: *Quimera* n.º 153-154. Barcelona: Ediciones de Intervención Cultural, 1996-1997, pp. 55-132.

XITU, Uanhenga. *Discursos de Mestre Tamoda*. Luanda: União dos Escritores Angolanos; Lisboa: Editora Ulisseia, 1984.